

ARTE EDUCAÇÃO: INFLUÊNCIAS E DESAFIOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

CARVALHO, Liliane Alfonso Pereira de.
Professora de Educação Artística
Mestranda em Educação, Arte e História da Cultura
Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo - Brasil
lila_alfonso@hotmail.com

RIBAS, Rafael Malvar.
Psicólogo
Mestrando em Educação, Arte e História da Cultura
Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo - Brasil
rafaelestudos@yahoo.com.br

RESUMO:

A infância constitui um período onde a imaginação criativa está em plena atividade, e o ambiente escolar é um território privilegiado ao desenvolvimento desta criação. O professor é uma peça chave neste processo, onde sua prática irá ajudar neste aprimoramento do aluno, ou irá bloqueá-lo. Este artigo explana sobre a importância do docente estar atento à liberdade criativa em detrimento a estereótipos e conceitos já preconcebidos, que podem ser negativos à imaginação e à criação da criança, e aponta para possibilidades construtivas em seu cotidiano.

Palavras-chave: Educação Infantil; Arte Educação; Estereótipos, Desenvolvimento.

Introdução

A infância é um período privilegiado para o aprimoramento da imaginação criativa. As políticas públicas brasileiras têm reduzido a idade com que a criança passa a ter direito à escola e é crescente o número de escolas que passam a ter o ensino em tempo integral. Assim o ambiente educacional se torna cada vez mais importante ao desenvolvimento da criança, sendo o professor peça chave neste processo.

Este estudo está voltado para a arte na infância e no ambiente escolar, enfatizando a importância da liberdade criativa em detrimento de estereótipos e conceitos já preconcebidos. O desenvolvimento criativo está diretamente ligado à infância e a escola possui um papel fundamental neste processo. Ressaltamos a importância de todas as disciplinas nesta ação, entretanto enfatizamos o poder que o ensino de artes tem ao possibilitar uma aprendizagem lúdica, do qual a capacidade criadora possa ser afluída. Para isso, é necessário que o professor se desprenda dos estereótipos próprios e sociais para que as crianças desenvolvam sua área expressiva (Cunha, 1999, pág.10).

Com frequência encontramos na docência práticas que vão contra a imaginação e a capacidade de criação, reproduzindo conceitos cristalizados. Assim determinados objetos são induzidos a ter sempre as mesmas formas e cores, impedindo o uso da imaginação. Vigotsky nos mostra que todo trabalho intelectual advém de elementos já vividos anteriormente, permitindo depois um vínculo entre produtos preparados pela fantasia e fenômenos complexos da realidade (Vigotsky, 2009, págs.16/19). Assim, o sentido e o significado que as crianças dão aos objetos estão relacionados ao seu contexto histórico e cultural (Pillotto, 2007, pág.23).

O adulto por sua vez, muitas vezes está preso em relação ao Belo e à submissão do real e acaba tendo dificuldade de compreender, aceitar e estimular a Arte Infantil (Bessa, 1972, pág.12). Neste sentido os educadores acabam obrigando a criança a mudar seus traços artísticos, a pintar a árvore de verde, ou a desenhar um casal necessariamente entre pessoas de gêneros diferentes. Assim vai se moldando a criança às convenções sociais e morais, e desestimulando sua arte criadora.

Influências e desafios do arte educador

A criação de uma categoria que englobaria pessoas do nascimento até determinada idade com a denominação de infância é recente. Com o início da industrialização e a progressão do iluminismo se deu o que muitos autores consideram a invenção da infância. Esta diferenciação esteve ligada desde o princípio ao ambiente escolar, onde os antigos feudos foram dando lugar às cidades, e as crianças passaram a ser uma preocupação do Estado. Assim foi criada a escola, tendo como objetivo a aprendizagem das crianças, ou seja, um aparelho de aprender (Barbosa, 2012).

A infância é o período onde a imaginação criativa se desenvolve, juntamente com a sensibilidade e expressividade. É dentro do ambiente escolar que a criança passa boa parte de sua infância e desta forma, a escola possui um papel fundamental no processo de formação do indivíduo. “As crianças, ao estabelecerem interações sociais, processos de significação e interpretação do mundo em suas práticas cotidianas, desempenham um papel ativo no seu processo de socialização” (Pontes, 2010. Pág.52).

Entre as diversas áreas de aprendizagem, a arte é a disciplina que possibilita os maiores recursos para uma educação lúdica, além de também ser usada como base para o ensino de outros conteúdos escolares. Segundo Alves (2012), o ensino de artes não deve ser visto “como meio de oportunizar prazer às crianças, para trabalhar a coordenação motora ou para enfeitar as salas de aulas, mas ao contrário, deve-se trabalhar a arte como contribuição para a construção do conhecimento sensível da criança”.

A Arte está presente desde os primórdios da humanidade e é intrínseca ao ser humano. A valorização do despertar para o interesse em Artes desde a infância é fundamental. Como ressalta Coletto, a arte “é importante na vida da criança, pois colabora para o seu desenvolvimento expressivo, para a construção de sua poética pessoal e para o desenvolvimento de sua criatividade, tornando-a um indivíduo mais sensível e que vê o mundo com outros olhos” (Coletto, 2010, pág.139).

Cabe ao professor estimular a arte dentro do ambiente escolar, de modo que, não interfira na liberdade criativa. Dentro da sala de aula existem diversas realidades sociais e é essencial que o arte educador se desprenda de conceitos preconcebidos.

Creio que uma das qualidades essenciais que a autoridade docente democrática deve revelar em suas relações com as liberdades dos alunos é a segurança em si mesma. É a segurança que se expressa na firmeza com que atua, com que decide, com que respeita as liberdades, com que discute suas próprias posições, com que aceita rever-se. (FREIRE, p. 89, 2014).

A arte infantil produzida dentro do espaço escolar não é direcionada a formação de artistas, mas sim de cidadãos sensíveis que serão capazes de questionar o mundo em que vivem. É importante levar em consideração que para as crianças, principalmente nas séries iniciais, o prazer artístico pode encontrar-se nos gestos, nos traços que se desenvolvem entre simples rabiscos, sem o compromisso de desenvolver um trabalho com qualidades técnicas.

A pedagoga Marina Gorsky em seu trabalho de conclusão de especialização em Pedagogia da Arte nos relata uma realidade muito comum no cotidiano da arte educação:

Passa-me a sensação de que Artes fica relacionada apenas aos trabalhos manuais e focalizada nas Artes Visuais. Mesmo ao se trabalhar somente com as Artes Visuais, talvez não a tratemos da maneira mais adequada como deveríamos. Nem sempre é permitido a experimentação espontânea onde a criatividade individual seja manifestada e observada. Os trabalhos são reproduzidos em série e o uso dos materiais fica restrito aos de uso comum pela maior parte das escolas, como folha ofício e lápis colorido. (Gorsky, 2010, pág.11)

Torna-se frequente a perda de interesse pela arte dentro do ambiente escolar conforme o avançar das séries, acreditando que apenas é bom em arte o aluno que sabe desenhar dentro de padrões artísticos pré-estabelecido. Outro fato que agrava a situação são as práticas docentes que vão contra a liberdade de expressão e a capacidade de criação. O professor acaba levando para dentro da sala de aula seus gostos pessoais e a sua realidade social, esquecendo-se de que ambos são variáveis de acordo com contexto histórico cultural.

Estereótipos e a liberdade criativa

Segundo Bessa (1972), o adulto que se encontra preso a preconceitos em relação ao belo e a submissão ao real sente dificuldade de compreender, aceitar e estimular a arte infantil. Afirma também, que o processo de criação da criança é a própria emoção, onde liberta-se da tensão, ajusta-se e observa o mundo que a rodeia, desenvolvendo a percepção, a imaginação, organizando-se as sensações, os hábitos de trabalho, os sentimentos, os pensamentos, e por fim educa-se.

Quando o aluno habitua-se aos padrões desejados pelo professor, além da limitação artística a criança se desenvolve de modo à sempre esperar por ordens, a esperar por algo que venha pronto, perdendo o gosto pelo desafiador, o questionador, a descoberta e pelo processo criativo.

Deste modo, a imaginação criativa e a individualidade desaparecem, surgindo uma padronização dos trabalhos artísticos onde determinados objetos são induzidos a sempre ter as mesmas formas e cores. A diversidade existente no mundo real, seja em relação à natureza ou às características socioculturais, é perdida em detrimento de meras reproduções estereotipadas em relação ao belo e à moral estética.

Assim, em relação à natureza, percebe-se comumente que as árvores desenhadas possuam os mesmos formatos e cor, muito longe da diversidade que encontramos na natureza. Da mesma forma não seria indevido que uma criança que mora em São Paulo desenhasse o rio de cor escura, pois é o que ele vê no dia a dia, entretanto normalmente o aluno é conduzido a desenhar o rio azul.

Também percebemos o direcionamento ao belo estereotipado em relação ao social. Muitas vezes a criança de periferia desenha uma casa sofisticada, diferente de sua realidade local, com uma família tradicional, com pai, mãe e filhos.

Neste quesito podemos nos aprofundar nas questões de gênero. É notório que na sociedade, e não se restringe a uma classe social em específico, há muitas famílias conduzidas por mães ou pais solteiros, por casais homoafetivos, pais com filhos adotivos de diferentes etnias ou ainda muitos adultos de qualquer gênero que preferiram permanecer solteiros. Imaginamos que o professor peça aos alunos que desenhem uma família, e uma criança desenhe um casamento de duas mulheres, ou uma mãe branca

com um filho negro, ou um grupo de três amigos adultos que morem juntos. Caberá neste momento ao educador aprovar ou não este desenho, apoiá-lo ou direcioná-lo a reproduzir o modelo moral de família ocidental, burguesa e cristã.

Um momento deste seria ainda mais educativo e esclarecedor, se no caso do desenho causar algum estranhamento nos colegas, o educador aproveitasse para colocar o tema a tona dizendo que o desenho estava correto como qualquer outro. Ele não estaria fazendo nada mais do que a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) recomenda em seu caderno intitulado “Genero e Diversidade Sexual na Escola: Reconhecer Diferenças e Superar Preconceitos” do governo federal, que dentre outros itens consta “estimular a difusão de imagens não discriminatórias e não estereotipadas das mulheres”, tal como:

garantir um sistema educacional não discriminatório, que não reproduza estereótipos de gênero, identidade de gênero, raça, etnia e orientação sexual, e que valorize o trabalho historicamente realizado pelas mulheres, buscando formas de alterar as práticas educativas, a produção de conhecimento, a cultura e a comunicação discriminatórias. (Cadernos Secad 4, 2007, págs 24/38/39)

Muitas vezes o professor acaba por reproduzir padrões impostos pela sociedade sem se dar conta. Neste sentido tanto a moral estética e religiosa, como a mídia e a publicidade tem um forte poder de incorporar padrões que não cabe ao educador reproduzi-los, como dizer que a cor azul está mais ligada ao universo masculino e a cor rosa ao feminino. Ou mesmo levando à sala de aula linguagens ou símbolos religiosos que, embora represente a maioria, pode estar desrespeitando alguns alunos, e a própria laicidade do Estado.

Exemplos como estes muitas vezes passam despercebidos por professores que se consideram éticos e atualizados em suas práticas, sem se dar conta de que fazem. É necessário que o educador esteja atento em seu cotidiano a fim de permitir a liberdade criadora ao aluno sem estas imposições sociais que acabam por refletir em sala de aula. Como nos cita Gorsky, “se o professor não se opuser às restrições que sofrem por parte dos adultos que são contra a libertação dos sujeitos ele torna-se insatisfeito com sua função. Desanimado termina sem cumprir o seu papel fundamental de oportunizar novas aprendizagens” (Gorsky, 2010, pág.13).

O texto “O Menininho” escrito por Helen Buckley, ilustra a situação onde a criança é modelada por estereótipos impostos. Verifica-se como após a mudança de ambiente escolar, o aluno continuou preso ao conceito atribuído.

“A professora então disse: - Agora nós iremos desenhar flores. O menininho começou a desenhar bonitas flores com seus lápis rosa, laranja e azul, quando escutou a professora dizer: - Esperem! Vou mostrar como fazer! E a flor era vermelha com o caule verde. Assim, disse a professora. Agora vocês podem começar a desenhar. O menininho olhou para a flor da professora, então olhou para a sua flor. Gostou mais da sua flor, mas não podia dizer isso...Virou o papel e desenhou uma flor igual à da professora. Era vermelha com o caule verde...Então, aconteceu que o menininho teve que mudar de escola...Um dia a professora disse: - Hoje nós vamos fazer um desenho. Que bom! Pensou o menininho e esperou que a professora dissesse o que fazer. Ela não disse. Apenas andava pela sala. Quando veio até o menininho perguntou: -Você não quer desenhar? -Sim, o que nós vamos fazer? -Eu não sei até que você o faça - Como eu posso fazê-lo? -Da maneira que você gostar -E de que cor? - Se todo mundo fizer o mesmo desenho e usar as mesmas cores, como eu posso saber qual é o desenho de cada um? -Eu não sei! Respondeu por fim o menininho e começou a desenhar uma flor vermelha com o caule verde.”(O MENININHO – Helen E. Buckley).

Outro momento de perda se dá com o uso da arte na educação como passatempo, para ocupar o tempo dos alunos e proporcionar momentos de tranquilidade para os professores. Nestes casos é comum que o aluno também veja a aula de artes como um passatempo, como uma extensão do recreio, um momento onde não se perceba que se está aprendendo, mas apenas descansando ou brincando.

Ao professor de Artes é necessário além dos conhecimentos específicos artísticos, o interesse pelos processos cognitivos da criança, e saber lidar com as diferenças de cada aluno. Saber estimular aquele que apresenta dificuldades ou menos interesse pela disciplina é ao mesmo tempo incentivá-lo a não se sentir inferior aos demais. Ao mesmo tempo um olhar atento às dificuldades pode ser o primeiro passo para o diagnóstico de algumas patologias, como verificamos no filme indiano *Como Estrelas na Terra* em que o professor de Artes desconfia e posteriormente ratifica que um de seus alunos possui dislexia. Entretanto vale sempre um cuidado especial com a patologização excessiva, que muitas vezes retira do professor a responsabilidade com o aluno, sendo mais fácil rotulá-lo como hiperativo, sem um diagnóstico de fato, do que acompanhá-lo em suas dificuldades.

Outro dado relevante à contemporaneidade é o rápido desenvolvimento tecnológico, onde as crianças desde cedo tem acesso a equipamentos informatizados. Cabe ao professor estar em dia com esta nova realidade dos alunos. Grande parte das

crianças atualmente já possui celular, muitas vezes com acesso à internet. Ainda é recente este fenômeno para saber o quanto estas novas tecnologias serão positivas ou negativas às crianças, valendo também para as Artes. Entretanto se o professor souber tirar proveito delas, pode usá-las a seu favor, tanto utilizando o audiovisual para trazer conteúdo aos alunos, como despertando neles o interesse por pesquisas no campo das Artes.

O educador deve estar atento às práticas diárias. O ato de ensinar deve transformar paradigmas, estimular o potencial de seus alunos. Entretanto, diante de tantos desafios que a profissão proporciona, é compreensível a busca do educador por momentos de calma. As inúmeras dificuldades estão por todas as partes, no excesso de carga horária, nas salas de aulas cheias, tal como na falta de estrutura física e material para uma aula adequada. Por isso a importância do professor estar atento à sua prática constantemente, para não cair neste erro, sendo um ator potencial para esta mudança de paradigmas. Como nos revela Bessa:

“O professor que deseja desenvolver a atitude criadora deve saber de antemão que encontrará inúmeras dificuldades a transpor, desde a incompreensão generalizada até ao tempo insuficiente nos horários reduzidos, incluindo outras mais imediatas, como número excessivo de alunos, falta de local e de equipamento, despesa com o material ou esforço para consegui-lo. Mas a convicção do quanto à atividade criadora revaloriza a educação ajuda a vencer com entusiasmo, coragem e perseverança os obstáculos mais difíceis” (Bessa, 1972, pág.28).

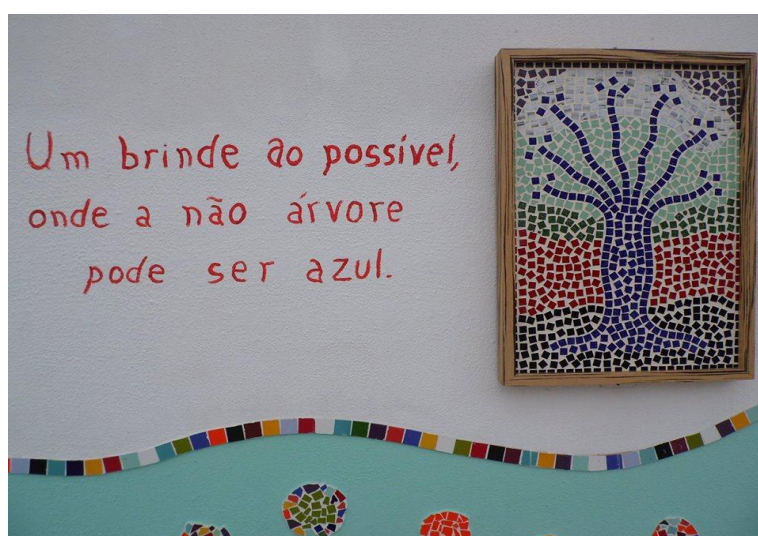


Figura 1: Muro/Intervenção do artista Ernesto Silva Ferro Junior, Sorocaba/São Paulo.

Considerações finais

Não há dúvidas que em termos estruturais o ensino público brasileiro, em grande parte, carece de melhores condições ao ensino de Artes. Entretanto, ainda que com dificuldades, verificamos muitos profissionais da área atuando de forma bem sucedida em prol da aprendizagem do aluno, e fazendo a diferença em seu território.

Convém ressaltar que a Arte em si já possui um caráter interdisciplinar, passando pelas visuais, plásticas, audiovisuais e literárias. Ao mesmo tempo ela faz intersecção com todas outras disciplinas, podendo por vezes ser utilizada de forma integrada com outros professores. Desta forma percebemos que a aula de Artes deve ir muito além do habitual papel e lápis de cor. Com empenho e criatividade o professor pode sair da concepção de um passatempo, desenvolvendo uma aprendizagem de fato significativa e ao mesmo tempo prazerosa aos alunos e a si próprio.

O resultado positivo de seu trabalho deve estar vinculado à constante atenção para a liberdade criativa dos alunos, se desprendendo de estereótipos muitas vezes cristalizados, e sendo uma força ativa à quebra de paradigmas que barram o poder criativo dos alunos. Como nos salienta Delevald:

Se entregar a estranheza, as incertezas, ao desconhecido e a pluralidade da arte contemporânea é um exercício a se fazer, desconstruindo um olhar que busca o belo, o harmonioso e a sensação confortante em uma obra. E, propor esse modo de experiência estética à infância é um grande desafio, mas que pode vir a ser um dos meios de contribuir para a formação ético-estética. (Delevald, 2012, pág.6)

Referências bibliográficas

ALVES, Bruna Pereira. Infância e descoberta: conhecendo a linguagem da arte, indo de encontro aos estereótipos. [on-line] Disponível em: <<http://www.artenaescola.org.br/>> acesso em 21/11/2014

BARBOSA, Tatiana Rodrigues. Crianças Pequenas e o Consumo: Que Lugar a Escola Ocupa? Araraquara: Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, V.7, Nº4, 2012.

BESSA, Mahylda. Artes Plásticas entre as Crianças. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora José Olimpo, 1972.

BRASIL. Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Cadernos SECAD 4. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2007.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Pintando, bordando, rasgando, desenhando e melecando na educação infantil. In: Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Mediação, 1999.

DELEVALD, Carini C. Infância e Arte Contemporânea: Um encontro possível para a formação. IX ANPED SUL, 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. 48ª Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz & Terra, 2014.

GORSKY, Marina de Souza. Atividades e Artes na Educação Infantil: Inquietações de uma professora. Porto Alegre: UFRGS (Trabalho de Conclusão de especialização em Pedagogia da Arte), 2010.

MÈREDIEU, Florence. O Desenho Infantil. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

PILOTTO, Silvia Sell Duarte. As linguagens da arte no contexto da educação infantil. In: PILOTTO, Silvia Sell Duarte (org.). Linguagens da arte na infância. Joinville-SC: UNIVILLE, 2007.

PONTES, Aldo Nascimento. A Educação das Infâncias na Sociedade Midiática: Desafios para a Prática Docente. São Paulo. USP (Tese de Doutorado em Educação), 2010).

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. La Imaginación y el Arte em La Infancia.. Madrid: Ediciones Akal, 2003.